



ISSN nº. 2595-7341

Vol. 5, nº. 2, Maio-Agosto, 2022

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft-v5n2/15227>

UMA EXPERIÊNCIA DE COMBATE AO RACISMO ESTRUTURAL A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DO MOSAICO VIRTUAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA

AN EXPERIENCE OF FIGHTING STRUCTURAL RACISM BASED ON THE
CONSTRUCTION OF THE VIRTUAL MOSAIC OF BLACK

UNA EXPERIENCIA DE LUCHA CONTRA EL RACISMO ESTRUCTURAL A
PARTIR DE LA CONSTRUCCIÓN DEL MOSAICO VIRTUAL DE LA CONCIENCIA
NEGRA

Paulo Sérgio Gomes Soares¹
João Vitor Wohlhaupter Moura Mascarenhas Santos²
Ana Luísa Wohlhaupter Moura Mascarenhas Santos³
Mateus de Melo Veloso⁴
Alcina Loyane da Silva Marques Santos⁵
Claudecy Cardoso Jorge⁶

Resumo: O objetivo do artigo é apresentar a dinâmica da criação dos mosaicos virtuais da consciência negra como produtos audiovisuais e proposta para uma metodologia alternativa para ensinar a filosofar, a partir de temáticas emergentes e

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/2012). Mestre em Epistemologia Lógica e Filosofia da Ciência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/2004). Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/1997). Atualmente, a tua na graduação no Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins e no Mestrado Profissional em Prestação Jurisdicional e Direitos Humanos (UFT/ESMAT).

² Graduando em Filosofia. Universidade Federal do Tocantins. Bolsista CAPES. E-mail: joaovitor17@gmail.com

³ Graduanda em Filosofia. Universidade Federal do Tocantins. Bolsista CAPES. E-mail: luisa.wohlhaupter@mail.uft.edu.br.

⁴ Graduando em Filosofia. Universidade Federal do Tocantins. Bolsista CAPES. E-mail: mateusmelo88@hotmail.com.

⁵ Graduada em Filosofia (UFT/2022). Universidade Federal do Tocantins. Bolsista CAPES. E-mail: loyanemarx@gmail.com.

⁶ Graduando em Filosofia. Universidade Federal do Tocantins. Bolsista CAPES. E-mail: ccjorginho@yahoo.com.br.

que fazem parte do cotidiano escolar. A concepção adotada é que é possível filosofar para além do textual, expondo o pensamento sistematizado em diferentes formatos. O trabalho de formação de professores foi desenvolvido no CEGTI Rachel de Queiroz, município de Palmas-TO, junto aos estudantes de Ensino Médio, durante a pandemia da Covid-19, portanto, um contexto conturbado, cheio de incertezas e possibilidades. Para descrever o contexto, foi utilizado como metodologia a observação participante e para construir os mosaicos, a metodologia da sala de aula invertida, seguindo procedimentos que fizeram uso intensivo das TDCs, como previsto pela BNCC, tecnologias, com ênfase no celular, *Apps* como o *Canva* e plataformas virtuais como o *google meet*, foram amplamente utilizadas para produzir audiovisuais contextualizados e críticos com a temática do racismo estrutural. Todos os produtos estão disponíveis para acesso no canal do *YouTube* da escola.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Ensino Médio. Programa Residência Pedagógica. TDCs. Racismo.

Abstract: The objective of the article is to present the dynamics of the creation of virtual mosaics of black consciousness as audiovisual products and a proposal for an alternative methodology to teach philosophizing, based on emerging themes that are part of everyday school life. The concept adopted is that it is possible to philosophize beyond the textual, exposing systematized thinking with different formats. The teacher training work was developed at CEGTI Rachel de Queiroz, municipality of Palmas-TO, with high school students, during the Covid-19 pandemic, therefore, a troubled context, full of uncertainties and possibilities. To describe the context, participant observation was used as a methodology and to build the mosaics, the inverted classroom methodology, following procedures that made intensive use of TDCs, as provided by the BNCC, technologies, with an emphasis on cell phones, *Apps* such as *Canva* and virtual platforms, such as *google meet*, were widely used to produce contextualized and critical audiovisuals with the theme of structural racism. All products are available for access on the school's *YouTube* channel.

Keywords: Philosophy Teaching. High school. Pedagogical Residency Program. TDCs. Racism.

Resumen: El objetivo del artículo es presentar la dinámica de creación de mosaicos virtuales de conciencia negra como productos audiovisuales y una propuesta de metodología alternativa para enseñar a filosofar, a partir de temas emergentes que forman parte del cotidiano escolar. El concepto adoptado es que es posible filosofar más allá de lo textual, exponiendo el pensamiento sistematizado con diferentes formatos. El trabajo de formación docente se desarrolló en el CEGTI Raquel de Queiroz, municipio de Palmas-TO, con estudiantes de secundaria, durante la pandemia de Covid-19, por lo tanto, un contexto conflictivo, lleno de incertidumbres y posibilidades. Para la descripción del contexto se utilizó como metodología la observación participante y para la construcción de los mosaicos, la metodología del aula invertida, siguiendo procedimientos que hicieron un uso intensivo de las TDCs, tal como las brinda el BNCC, tecnologías, con énfasis en celulares, *Apps* como *Canva* y plataformas virtuales, como *google meet*, fueron ampliamente utilizadas para producir audiovisuales contextualizados y críticos con el tema del racismo estructural. Todos los productos están disponibles para acceder en el canal de *YouTube* de la escuela.

Palabras clave: Enseñanza de la Filosofía. Escuela secundaria. Programa de

INTRODUÇÃO

O atual contexto de ascensão da extrema direita ao poder, trouxe consigo diversas temáticas que pareciam não fazer mais sentido no século XXI, como o fascismo, por exemplo, cujas características remontam à primeira metade do século XX, na Europa. No Brasil atual, essa extrema direita possui características neofascistas que se expressam no discurso e na prática, mas com singularidades da própria dinâmica nacional, imersa em contradições entre o arcaico e o moderno, o senhor e o escravo, o liberalismo e o conservadorismo extremado, o negacionismo e a ciência etc., reacendendo disputas no processo societário e tocando em questões que exigem uma reflexão acerca da violência latente presente na formação histórica do país. Parece que essa nova direita traz consigo um pensamento neocolonial que incide diretamente sobre questões não resolvidas ao longo da história do país, como é o caso do racismo e do patriarcado, para se restringir apenas a esses dois problemas emergentes e com traços controversos de um racismo à brasileira – estrutural – e de uma violência naturalizada.

O contexto pandêmico adicionou a isso os problemas sociais históricos e colocou a mostra as diferenças sociais, as desigualdades e todo tipo de fragilidade que pode ter uma sociedade fundada em pressupostos coloniais, escravagistas e dividida em classes.

O Programa Residência Pedagógica é um programa de formação de professores contextualizado com os problemas da sala de aula, de maneira que os residentes, que são professores em formação, mais do que se familiarizarem com a prática docente, têm a oportunidade de aprender com o chão da sala de aula, como ambiente de experimentação de práticas inovadoras. Os residentes do Curso de Licenciatura em Filosofia, da Universidade Federal do Tocantins, atuaram no Colégio Estadual Girassol de Tempo Integral Rachel de Queiroz, uma escola situada na periferia de Palmas-TO, com estudantes do Ensino Médio, no período de novembro de 2020 a abril de 2022, ou seja, durante o período pandêmico. Portanto, a experiência com a prática docente se voltou para a busca de práticas inovadoras que respondessem ao momento histórico de crises sanitária, econômica, social, ambiental etc., que afetaram diretamente a educação e o processo de ensino e aprendizagem.

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma experiência de combate ao racismo estrutural a partir da construção de mosaicos virtuais da consciência negra, como parte de um projeto que envolveu a comunidade escolar em torno da temática do racismo, tendo como ponto de culminância o dia da Consciência Negra, em 20 de novembro de 2020. Inicialmente, a proposta artística do projeto, aqui apresentado, foi “escancarar” a realidade social e racial, a fim de descortinar os possíveis “idealismos” e “romantismos” que sugerem que no Brasil não existe racismo e que “somos cordiais”, que vivemos numa “democracia racial”. O racismo existe e pode ser visto todos os dias nos noticiários e presenciado na vida prática, de forma que precisa ser combatido em todas as esferas da vida, a começar pela escola. Educar a juventude e fazê-la compreender a formação histórica e social do Brasil de um ponto de vista filosófico, isto é, reflexivo, pode ser um caminho para um futuro em que o racismo seja superado.

Sob o acompanhamento dos residentes e dos professores, os estudantes do Ensino Médio coletaram dados estatísticos, imagens, reportagens etc., sobre a temática, mostrando a resistência negra nas manifestações e luta contra o racismo em tempos de pandemia. O contexto de efervescência mundial se dava em função da morte de George Floyd, nos EUA, instigado pelo movimento “Vidas negras importam”, embora aqui no Brasil, no dia anterior à apresentação do Mosaico da Consciência Negra, dia 19 de novembro de 2020, assistimos aterrorizados a notícia da morte de João Alberto Silveira Freitas, homem negro de 40 anos, espancado até a morte no supermercado carrefour, em Porto Alegre-RS, por seguranças. Tudo filmado, exatamente como foi com George Floyd. Este foi somente mais um caso, dentre milhares, que corriqueiramente acontecem no país e que parecem já naturalizados. Na escola, o nosso papel é desnaturalizar a violência, o preconceito, a intolerância e qualquer forma de racismo.

Tratar do problema do racismo na escola é tratar de um tema indissociável dos Direitos Humanos e que está previsto no Plano Estadual de Direitos Humanos do Estado do Tocantins⁷, Diretriz 19: “Fortalecimento dos princípios da democracia e dos Direitos Humanos nos sistemas de Educação Básica, nas Instituições de Ensino Superior e nas instituições formadoras”, com o seguinte objetivo estratégico “I:

7

Disponível em: <file:///C:/Users/Paulo/Downloads/PLANO-ESTADUAL-DE-DIREITOS-HUMANOS-DO-ESTADO-DO-TOCANTINS.pdf>

Inclusão da temática de Educação e Cultura em Direitos Humanos nas escolas de Educação Básica e em instituições formadoras”. O presente trabalho foi desenvolvido na escola e, portanto, cumpre esta função.

Os mosaicos virtuais foram produzidos utilizando como ferramentas digitais o *Canva* e o *PowerPoint*, que permitiram a montagem de vários painéis com *design* criativo e chamativo para apresentação na plataforma *google meet*, em 20 de novembro de 2020. Professores, residentes e estudantes do Ensino Médio trabalharam virtualmente juntos na montagem dos mosaicos, fator que trouxe elementos importantes para o processo de ensino e aprendizagem, como a interação e o diálogo, dado que alguns estudantes já tinham habilidades com algumas ferramentas digitais e compartilharam. Este trabalho se inscreve, portanto, como metodologia alternativa para o Ensino de Filosofia a partir da construção de material didático audiovisual, envolvendo uma dinâmica de compartilhamento de saberes.

A TRAGÉDIA DO CONTEXTO PANDÊMICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Em decorrência da pandemia da Covid-19, as instituições de ensino tiveram as suas atividades suspensas, trazendo desafios jamais vistos para o campo educacional. As instituições de ensino ficaram muitos meses sem atividades até conseguirem se adequar ao “novo normal”. Nesses meses difíceis os professores trabalharam na construção de alternativas, discutindo metodologias ativas e didático-pedagógicas, aprenderam a lidar com o aparato tecnológico, adoeceram com o excesso de trabalho e também sofreram perdas. A comunidade escolar vivenciou situações inusitadas e teve de contornar problemas emergenciais, bem como enfrentar os desafios colocados cotidianamente para o processo de ensino e aprendizagem, até a adequação forçada ao “novo normal”, que de normalidade não teve nada.

A pandemia da Covid-19 foi desencadeada por um vírus, o coronavírus, cientificamente denominado SARS-CoV-2, cujo primeiro caso da doença foi registrado na cidade de Wuhan, na China, em 2019. Rapidamente a doença se espalhou e se tornou uma pandemia que, ainda em 2022, está ceifando vidas no mundo inteiro. No Brasil, o primeiro caso confirmado pelo Ministério da Saúde foi em 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo, daí por diante a doença se disseminou para

todos os Estados sem muito controle.

No Estado do Tocantins o primeiro caso registrado ocorreu em 18 de março de 2020, na capital Palmas, situação que levou o Governo local a decretar estado de emergência com o Decreto n°. 6.070, de 18/03/2020 e, na sequência, o Decreto n°. 6.071, de 18 de março de 2020, que suspendeu as atividades escolares por tempo indeterminado: “Art. 1º Em razão da pandemia da Covid-19 (novo Coronavírus), são suspensas, por prazo indeterminado, a partir desta data: I – as atividades educacionais em estabelecimentos de ensino com sede no Estado do Tocantins, públicos ou privados, como escolas e universidades.” Diante desse contexto, as escolas suspenderam as atividades e não havia qualquer planejamento em andamento para responder a essa situação desastrosa.

A pandemia foi uma verdadeira tragédia que vai afetar profundamente as gerações que estão vivenciando este momento, sobretudo os jovens e adolescentes que frequentam as escolas públicas e tiveram suas vidas e rotinas diárias completamente modificadas, sobretudo no período de março de 2020 a abril de 2021, período mais agudo da pandemia, que afetou o andamento dos trabalhos nas escolas, exigindo que o processo de ensino e aprendizagem se conformasse ao modelo do Ensino Remoto Emergencial.

Para enfrentar a situação, no segundo semestre de 2020, o Colégio Estadual Girassol de Tempo Integral Rachel de Queiroz retornou às atividades de ensino de forma virtual com o uso da plataforma *google meet*, tornando-se precursor em toda rede pública estadual de ensino do Tocantins ao retomar o calendário com todas as aulas para todas as turmas, durante os cinco dias na semana, em turnos matutino e vespertino. A escola estava respaldada pelo Conselho Estadual de Educação do Tocantins, que a partir da Resolução CEE/TO n°. 156, de 23 de junho de 2020, aprovou a utilização dos meios eletrônicos e de videoconferência para realização de aulas remotas, seguindo a Portaria n°. 376 do Ministério da Educação (MEC), de 03 de abril de 2020, em que suspendia as aulas presenciais por atividades não presenciais, como medida de combate à Covid-19.

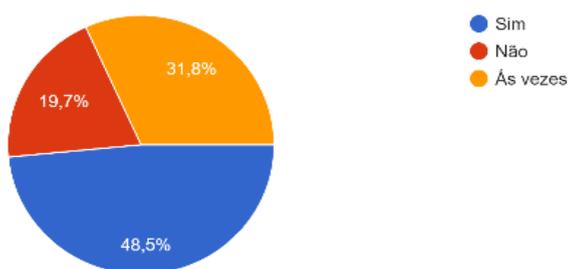
Os residentes começaram a atuar na escola em novembro de 2020 com o calendário escolar em andamento e todas as incertezas no horizonte. Tivemos a oportunidade de presenciar as reuniões de planejamento junto com os professores, de forma que a nossa compreensão da realidade escolar se alargou. Vimos e experimentamos todas as dificuldades do Ensino Remoto, adotado em caráter

emergencial e, nesse sentido, ficou clara a importância do professor e da escola pública brasileira, também, no enfrentamento da Covid-19. Compartilhamos inúmeras problemáticas diariamente, dentre elas, a falta de acesso à *internet*, a dependência de aparelhos tecnológicos, que a maioria de nós não tinha disponível, sobretudo os estudantes do Ensino Médio, que acessavam as aulas com os celulares dos pais, irmãos ou parentes e utilizando os dados móveis. Uma situação que quem vivenciou não vai esquecer. As ausências já previstas só confirmaram as carências. Além do que, ministrar aulas remotas com tecnologias digitais foi um desafio para os professores e para os residentes.

Durante as aulas virtuais, nas telas só se visualizava as letras iniciais dos nomes, raramente havia um rosto diferente daquele do professor ou professora, desdobrando-se para fazer da aula um momento de aprendizagem em meio à dor das perdas de amigos, conhecidos e parentes, noticiadas todos os dias. Da mesma forma, foi possível visualizar as ausências nas salas virtuais esvaziadas, contando quase sempre menos de dez estudantes, quando deveria ter em média trinta e cinco. Diante dessa situação, os residentes realizaram uma pesquisa⁸ junto aos estudantes para obter um *feedback* das condições de acesso às aulas virtuais no Ensino Remoto e os gráficos a seguir comprovam os problemas aventados.

Gráfico 1:

1- Você tem tido dificuldades em participar das aulas on-line?
66 respostas



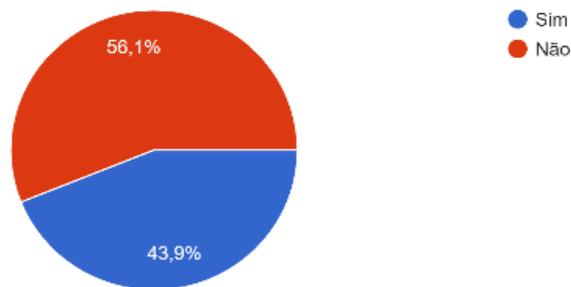
Pelo gráfico, vimos que 48,5% dos estudantes, num universo de 66 respostas, afirmaram que têm dificuldades em participar das aulas *online*; 19,7% disseram que não e 31,8% responderam “às vezes”.

Gráfico 2:

⁸ Questionário sobre o Ensino Remoto na Pandemia, 2020. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/1ZA-XeJDtxMbSKiep1LE4OUCyFwDT-ytN9WcWwG14REw/edit#responses>

4- Você tem participado de todas as aulas regularmente?

66 respostas



Neste gráfico, observa-se que 56,1% afirmaram que não estavam participando regularmente das aulas, contra 43,9%. Em reuniões semanais os residentes relatavam os problemas e compartilhavam as experiências, bem como, os registros nos relatórios mensais traziam um retrato dessa realidade. Além das atividades virtuais na escola, os residentes estudaram e pesquisaram diferentes fontes – artigos em periódicos científicos, textos jornalísticos etc. -, que auxiliaram na leitura do contexto, percebendo que os mesmos problemas enfrentados nas escolas do Tocantins pareciam ser os mesmos enfrentados nas escolas em todo o país, com maior ou menor grau de dificuldade e de organização para manter a educação em funcionamento.

A Consultoria PwC⁹, em pesquisa intitulada “O abismo digital no Brasil”, realizada em 3.672 cidades, em 2021, apontou que “cerca de 6 milhões de estudantes (da pré-escola à Pós-Graduação) não conseguem fazer aulas remotas por falta de acesso à *internet* em casa. A maioria esmagadora deles está no Ensino Fundamental público”.

Gráfico 1:

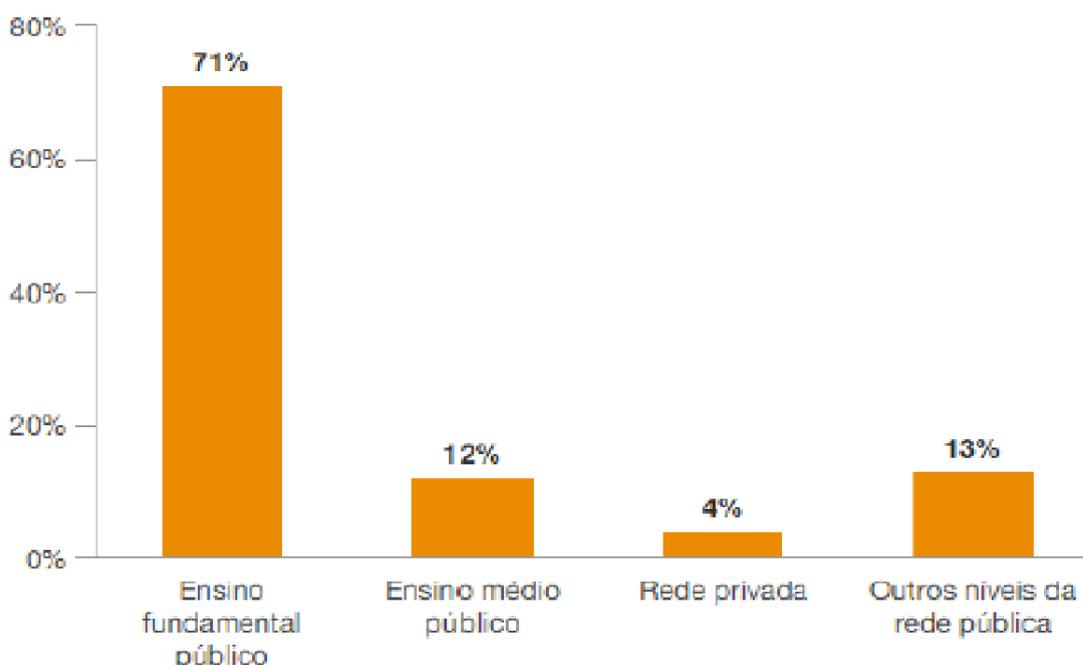
⁹

Disponível

em:

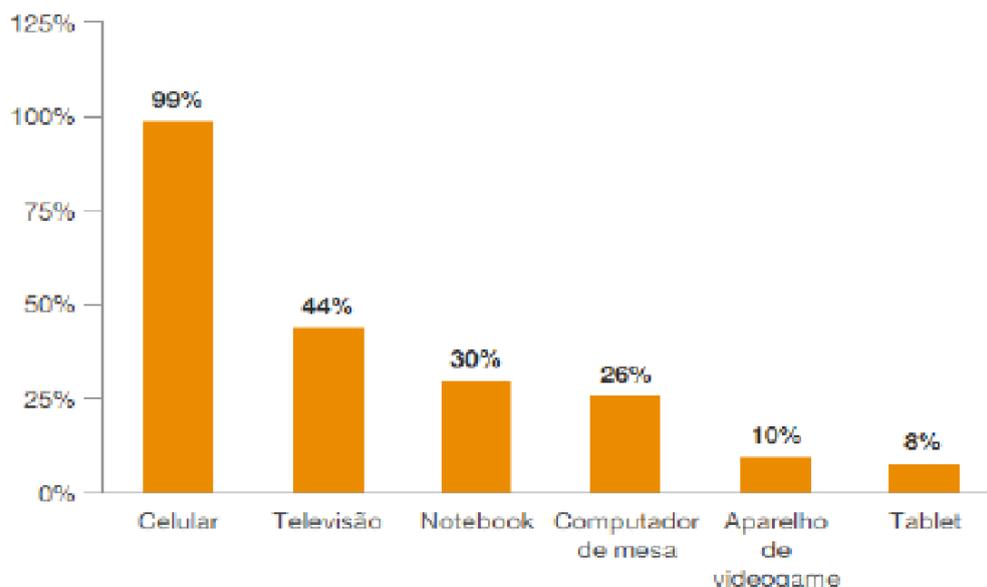
<https://www.pwc.com.br/pt/estudos/preocupacoes-ceos/mais-temas/2022/o-abismo-digital-no-brasil.html> Acesso em 05/06/2022.

Alunos sem acesso à internet em casa



Essa mesma consultoria constatou que o celular é o principal dispositivo para acessar a *internet* entre os brasileiros e brasileiras - “99% dizem usar o aparelho com essa finalidade. Para 58% dos usuários no país, o celular é o único meio de acesso à *internet*”, considerando um perfil - indivíduos de renda mais baixa e a população negra.

Dispositivos em que acessa a internet



Esses dados confirmaram o que foi observado no CEGTI Rachel de Queiroz.

Porém,

o avanço da conectividade tem se passado em ritmos e intensidades diferentes de acordo com o país em que se vive, o nível socioeconômico de cada um, assim como sua faixa etária e nível educacional. O corte entre os com acesso e os desconectados não justifica ignorar que os dados apontam para crescimento exponencial dos inseridos nessa nova realidade em boa parte das sociedades, inclusive na brasileira.

O excerto faz uma apologia correta à era da conectividade, porém as condições objetivas da população brasileira – bem como o da escola-campo em que atuamos - mostraram que essa conectividade perpassa pelas condições de acesso e esbarra em sérios problemas econômicos, que ficaram evidentes durante a pandemia. Vimos que os filhos da classe trabalhadora que frequentaram as escolas públicas não possuíam acesso à *internet* por razões financeiras, de forma que constatamos não um avanço, mas um retrocesso na educação ocasionado pela exclusão digital. “A crise sanitária evidenciou o imenso *gap* digital entre ensino público e privado. Enquanto 88% das escolas privadas realizaram aulas a distância por meio de videoconferência, o percentual das escolas públicas que teve acesso a esse recurso foi de 59%.” (Consultoria PwC)¹⁰.

O CEGTI Rachel de Queiroz contou com os professores e seus próprios recursos para manter as aulas virtuais, mas outros problemas emergiram nesse processo, fazendo com que a professora preceptora e os residentes se organizassem para planejar as atividades e explorar alternativas para o Ensino de Filosofia, em um contexto social e educacional desfavorável, mas cheio de possibilidades e oportunidades de trabalhar na resolução de parte desses desafios e problemas enfrentados com o Ensino Remoto. O presente artigo, nesse aspecto, é um relato de perseverança no enfrentamento aos desafios e dificuldades, certos de que ser residente durante a pandemia da Covid-19 também trouxe aprendizado para os futuros professores.

O RACISMO A BRASILEIRA: RAÍZES HISTÓRICAS

O racismo existe na vida cotidiana e é sentido por pessoas negras, portanto, causa sofrimento e dor à medida que afeta a condição humana. Porém, há no

¹⁰

Disponível

em:

<https://www.pwc.com.br/pt/estudos/preocupacoes-ceos/mais-temas/2022/o-abismo-digital-no-brasil.html> Acesso em 05/06/2022.

racismo brasileiro uma particularidade, a saber, que somos uma população negra e miscigenada, em sua maioria, e que durante dezenas de anos teve na ideologia nacional uma expressão de naturalização do racismo, tanto na cultura quanto em diferentes teorias que a descrevem. Nesse sentido, vale a pena pensar num racismo a brasileira, considerando o racismo num país de maioria não branca e com fortes traços patriarcais e coloniais vivos nas expressões da cultura e da sociabilidade. Ressalta-se a contradição desses traços culturais descritos como favoráveis a uma “democracia racial”, conforme Gilberto Freyre, acreditando que o Brasil legaria ao mundo um exemplo, enquanto país miscigenado, que comportava um “homem cordial”, nas palavras de Sérgio Buarque de Hollanda, com características de civilidade próprias à cultura.

Essas duas referências perfizeram uma crença de que o Brasil seria um país singular no que tange à superação completa das diferenças raciais, bem como numa crença de uma vida social pacífica e de respeito mútuo. Hoje, sabemos que a história pode ser desmentida por uma realidade marcada pela violência, exclusão social, falta de acesso, preconceito etc., contra a população negra e cuja principal manifestação enfrentada é o racismo, uma vez velado e ideologicamente escamoteado atrás de premissas e argumentos que não se confirmaram. Vale trazer à tona o que diz Sérgio Buarque de Hollanda (1998, p. 144-145), em “O homem cordial”, de 1936, quando descreve o homem brasileiro:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade – daremos ao mundo o ‘homem cordial’. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante.

Vimos que o meio rural e patriarcal, além de não perfazerem a condição de cordialidade, são pressupostos sedimentados em uma perspectiva neocolonial, que tem sido reproduzida pela população como um testemunho da mentalidade do colonizador branco. Paulo Freire (1987) afirma que o oprimido carrega consigo a cultura do opressor como testemunho de sociabilidade e de humanidade, sugerindo a cristalização de uma mentalidade colonizada, que é reproduzida no dia a dia com violência e repressão. Nesse sentido, as “expressões legítimas de fundo emotivo extremamente rico e exuberante” também escondem um lado sombrio de violência

latente, convertido em racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), um racismo presente na estrutura social em função da mentalidade colonizada e afeita ao *status* dominante.

Criou-se uma aura de superioridade em torno da cor da pele e da própria cultura, que se reforça como cultura dominante para estabelecer padrões que vão sendo reforçados a partir das gerações com a ajuda de meios de comunicação e instituições sociais, reforçando hierarquias e “contribuindo para a manutenção do poder dos grupos que ficam classificados como melhores para os trabalhos intelectuais e que possuem maior status e prestígio dentro da sociedade” (ALBERNAZ, 2009, p. 179). Segundo o Albernaz (2009), essa produção da desigualdade, mesmo que inconsciente, faz parte das relações sociais e se verifica na prática, como um desafio que precisa ser enfrentado e um problema a ser combatido individual e coletivamente.

Todavia, se o racismo faz parte da estrutura social, pode-se afirmar que a democracia racial é um mito, mas que teve um papel de naturalizar as relações, no sentido de sedimentar-se na ilusão da boa convivência e da paz social.

Assentada em uma interpretação benevolente do passado escravista e em uma visão otimista da tolerância e da mestiçagem, a democracia racial reinventa uma história de boa convivência e paz social que caracterizaria o Brasil. Todavia, cabe lembrar que tal análise, ancorada na cultura, não implica na integral negação do caráter irreversível da inferioridade dos negros (JACCOUD, 2008, p. 51).

Em “Casa grande e senzala”, publicado originalmente em 1933, Gilberto Freyre (2001), exalta a miscigenação como expressão da cultura nacional, já que a mistura representa um equilíbrio das diferenças como algo natural. Certamente, tais ideias possuem uma importância, pois no tempo em que vigoraram, combateram as teses vigentes nas décadas finais do século XIX e início do século XX, de que a miscigenação gerava uma espécie de degeneração racial e social, como afirmavam Nina Rodrigues, Oliveira Vianna e Sílvio Romero, ou seja, o pensamento de Freyre rompeu com as teorias racistas e eugênicas que viam nos índios, negros e mestiços os motivos para o atraso nacional (SOARES; OLIVEIRA; PEREIRA, 2021). No revés, a democracia racial se revelou algo ideológico, tanto que o racismo se naturalizou nas relações como parte da cultura.

O Brasil é um país racista, que possui um mecanismo para disfarçar e negar o racismo existente, reforçado cotidianamente. Valoriza-se a pele branca como modelo, os cabelos lisos como um sinal de beleza etc., sem tocar na identidade do negro, senão a partir de estereótipos negativos, como um corpo e uma imagem a

serem ocultados e evitados na distribuição de poder. A questão da desigualdade social e a disparidade socioeconômica são elementos associados ao racismo, sobretudo em relação à pobreza e a marginalização, como se fosse parte de um discurso de preconceito em relação a classe social, sendo que há essa divisão econômica devido ao preconceito racial histórico. “Entre os negros, observam-se menores índices de mobilidade ascendente, e essas dificuldades são maiores nos oriundos de estratos mais elevados de renda. Esse último grupo também é exposto a maiores possibilidades de mobilidade descendente” (JACCOUD, 2008, p. 54).

Da mesma forma, Jesus (2018), apoiado no pensamento de Frantz Fanon, aduz sobre os processos de colonização das Américas e a escravidão que resultaram não somente em uma história de sofrimento, mas em uma construção histórica de hierarquia social calcada num processo civilizatório que exigiu a submissão da população negra, oprimiu e continua a oprimir, matou e continua matando, expropriou e continua expropriando, que negou e continua negando o racismo etc.

Parece que “a escravidão é nosso berço” (SOUZA, 2017, p. 36) e que vivemos todos os dias os seus reflexos nefastos, em meio as divisões hierárquicas que só reforçam o discurso racista e se concretizam na posição social que as pessoas ocupam de acordo com a cor da pele. “Assim, estabelece-se uma desigualdade com base na raça, de forma que alguns terão privilégios e outros terão prejuízo na distribuição do poder, do prestígio e da riqueza” (ALBERNAZ, 2009, p. 181). O Brasil mostra todos os dias essa realidade de uns terem privilégios – poucos -, enquanto outros – a maioria negra - são excluídos.

O filósofo e Jurista Silvio Almeida descreve o racismo estrutural da seguinte forma:

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (ALMEIDA, 2019, p. 50).

Com vistas nessa perspectiva exposta por Almeida, vimos que a escola é um ambiente para se desconstruir o racismo cristalizado e naturalizado, a partir da defesa os Direitos Humanos, e que o dia da Consciência Negra não é para ser comemorado, mas para serem compartilhadas as histórias de luta por reconhecimento, de luta contra o racismo e as suas consequências. O racismo a

brasileira pode e deve ser trabalhado nas escolas de um ponto de vista reflexivo, com foco na história e na própria realidade vivenciada pelos estudantes, cujas identidades são, em sua maioria, negras e miscigenadas, sobretudo no estado do Tocantins, que abriga 45 comunidades quilombolas e diversas etnias indígenas.

Diante do exposto, como resultado, a experiência adquirida pelos professores em formação, procurou desconstruir conceitos equivocados no que tange às nossas raízes e identidades com foco no reconhecimento da diversidade e na aceitação das diferenças. Os problemas sociais, sobretudo os relacionados a classe social, precisam ser trazidos para a educação, para educar a população e alertar acerca dos projetos da elite que têm a clara função de excluir e de retirar os direitos sociais. Com a população negra, ao longo da história, foi assim. Diante disso, o papel da escola tem de ser o continuar reforçando a diversidade e as diferenças, sem permitir que a falsa consciência e o falso consenso da “Escola sem Partido” reforcem a ideologia da igualdade abstrata sem considerar as condições concretas das desigualdades sociais e históricas em que a população negra foi colocada.

O que está efetivamente em disputa, neste caso, é o caráter público e democrático da escola pública, inevitavelmente relacionado ao modo como ela é definida, por meio de que processos, de que sujeitos. É o que deve resultar da sua organização e ação: se é a possibilidade de bons negócios e a segmentação dos sujeitos segundo a classe social, como interessa aos propósitos privatistas e à lógica capitalista, ou se é a relação ampla com o conhecimento coletivamente tecida, como interessa à grande maioria dos sujeitos da escola. (ALGEBAILLE, 2017, p. 73).

Existe uma lógica perversa das elites dominantes por trás das mesquinhas, denunciando e criminalizando os professores, atrelado ao próprio sistema capitalista de produção e consumo, que vê na escola um espaço de disputa para concretizar a dominação e impedir o acesso de uma parte da população – notadamente negra, pobre e excluídos em geral – ao conhecimento científico e crítico, a autonomia e a emancipação, vistos como problemas para o projeto elitista. Na seção seguinte, apresentamos uma metodologia alternativa para o Ensino de Filosofia a partir da construção de audiovisuais.

A CONSTRUÇÃO DOS MOSAICOS VIRTUAIS COMO METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

A pandemia da Covid-19 transformou a rotina escolar e virtualizou as relações por meio do Ensino Remoto Emergencial, de forma que alterou a relação professor/aluno e o processo de ensino e aprendizagem. O doloroso contexto

pandêmico colocou limites intransponíveis para a condição humana, não somente em virtude da doença alastrada sem controle, mas da morte e da impossibilidade de contato com os entes queridos. Foi nessa conjuntura que os residentes começaram a atuar na escola e a descobrir empiricamente os problemas emergentes da educação em meio às adversidades.

A despeito disso, as possibilidades estavam lançadas, dado que o Ensino Remoto Emergencial exigiu o uso intensivo das tecnologias e plataformas virtuais para mediar o processo de ensino e aprendizagem. O uso das tecnologias digitais está previsto na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), na Competência Geral 5 – “Linguagens e suas tecnologias”, de forma que a implementação dessas linguagens faz parte do processo de formação de professores no Programa Residência Pedagógica.

No que tange ao Ensino de Filosofia, o uso das tecnologias, *apps* e plataformas virtuais, entende-se como a busca por metodologias alternativas para ensinar a filosofar a partir de diferentes temáticas e integrando diferentes perspectivas disciplinares. Sabidamente, a interdisciplinaridade está integrada ao Ensino de Filosofia e respaldada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Vimos que o projeto seguiu uma perspectiva interdisciplinar, como um eixo estruturante que atendeu ao que, por exemplo, os PCNs de Filosofia indicam como sendo o papel da disciplina no Ensino Médio. Em suma, ao Ensino de Filosofia cabe, portanto, trabalhar de forma interdisciplinar em cooperação com diferentes perspectivas teóricas e pedagógicas a fim de romper com o reducionismo e a fragmentação dos conteúdos curriculares isolados disciplinarmente e proporcionar uma visão de conjunto. O termo interdisciplinar “passou a apontar para a necessidade de ir além de uma prática científica meramente disciplinar, buscando as conexões existentes entre todos os saberes e tentar abrir os canais de diálogo entre todas as comunidades especializadas” (BRASIL/PCNs, 1999, p. 339-340).

O “Projeto Mosaico Virtual da Consciência Negra” integrou as disciplinas de Filosofia, Geografia, História, Sociologia e Arte como forma de agregar conteúdo ao processo de ensino e aprendizagem dos estudantes para promover o combate ao racismo e ao preconceito racial, que naquele momento assolava o mundo junto com a pandemia, tendo em vista as repercussões do assassinato de George Floyd, nos EUA, por policiais brancos, tudo gravado e reproduzido na mídia do mundo inteiro. Foi um projeto realizado interdisciplinarmente que colocou em prática o Plano

Estadual de Direitos Humanos do Estado do Tocantins para atender a dois eixos estruturantes referentes à temática:

Eixo Orientador III: Universalizar Direitos em um Contexto de Desigualdades. Diretriz 9: Combate às desigualdades estruturais. Objetivo estratégico: I: Igualdade e proteção dos direitos das populações negras, historicamente afetadas pela discriminação e outras formas de intolerância. [...] Eixo Orientador V: Educação e Cultura em Direitos Humanos. Diretriz 19: Fortalecimento dos princípios da democracia e dos Direitos Humanos nos sistemas de educação básica, nas instituições de ensino superior e nas instituições formadoras. Objetivo estratégico: I: Inclusão da temática de Educação e Cultura em Direitos Humanos nas escolas de educação básica e em instituições formadoras; II: Inclusão da temática da Educação em Direitos Humanos nos cursos das Instituições de Ensino Superior (IES); III: Incentivo à transdisciplinaridade e transversalidade nas atividades acadêmicas em Direitos Humanos. (TOCANTINS, s/d, grifo nosso).

No Brasil, o racismo também fez e faz muitas vítimas todos os dias, como foi o caso de João Alberto Silveira Freitas, de 40 anos, um homem negro espancado¹¹ até a morte por seguranças dentro do supermercado Carrefour, em Porto Alegre/RS, em 19 de novembro de 2020, justamente à véspera do dia da Consciência Negra. Portanto, trabalhar a temática do racismo estrutural na escola é urgente, considerando o seguinte:

As vítimas endêmicas da violência urbana são jovens negros e pobres das periferias, bem como mulheres. Um jovem negro tem 147% mais chances de sofrer homicídio do que um branco. O país supostamente cordial e democrático tem três mulheres assassinadas por dia. Na maioria, mulheres negras. Segundo pesquisa da Flacso, entre 2003 e 2013, a morte violenta de mulheres negras aumentou 54%, enquanto a de mulheres brancas diminuiu 9,8%. (TELES, 2018, p. 66).

Com vistas nessa temática sensível, os residentes de Filosofia ficaram responsáveis por auxiliar e acompanhar o desenvolvimento das atividades e a construção do Mosaico Virtual da Consciência Negra junto com os estudantes do Ensino Médio, tendo em vista que “a Filosofia deve auxiliar o aluno do Ensino Médio a tornar temático o que está implícito e questionar o que parece óbvio” (BRASIL, 1999, p. 333).

No que diz respeito a prática docente, duas alternativas metodológicas fundamentaram o ato de educar: 1) a sala de aula invertida, com foco na prática de ensino; 2) a pesquisa participante, como método para a coleta de dados sistemática dessa prática. A Pesquisa Participante é um tipo de pesquisa social que se fundamenta na lógica da transformação social (BRANDÃO, 1987).

¹¹

Disponível

em:

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-do-grupo-carrefour-em-porto-alegre.ghtml> acesso em 20 set 2021.

O ato de observar é um dos meios mais frequentemente utilizados pelo ser humano para conhecer e compreender as pessoas, as coisas, os acontecimentos e as situações. Observar é aplicar os sentidos a fim de obter uma determinada informação sobre algum aspecto da realidade. É mediante o ato intelectual de observar o fenômeno estudado que se concebe uma noção real do ser ou ambiente natural, como fonte direta dos dados. (QUEIROZ; VALL; SOUZA; VIEIRA, 2007, p. 277).

Enquanto formação de professores, o PRP tem de proporcionar aos residentes a possibilidade de vivenciar o chão da sala de aula e ser protagonista da sua própria identidade profissional, mas mediando esse processo com a formação acadêmica em pesquisa, isto é, de aplicar um método, conforme uma concepção de educação. Destaca-se, nesse sentido, a Pedagogia Libertadora, de Paulo Freire, como concepção de educação para organizar a prática docente, ensinando o caminho do diálogo e a educação como prática da liberdade e não da opressão. Em maior ou menor grau, essa perspectiva profissional permitiu aos residentes observarem que os estudantes do Ensino Médio podem ser protagonistas na construção do conhecimento.

Os estudantes do ensino médio, por conseguinte, foram estimulados pelos residentes a participar da construção do mosaico virtual trazendo questões sensíveis para o debate sobre o racismo estrutural e o preconceito racial, construindo por si mesmos um conhecimento acerca da temática, expondo-a para a escola em evento programado, fazendo crer que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 39). Em grande medida, os estudantes produziram um material didático para uso próprio. A sala de aula invertida, diante desse quadro, apresentou-se como uma metodologia ativa que deu suporte às atividades do ensino remoto, considerando o contexto de isolamento social e necessidade de estimular os estudantes a fazerem pesquisas para a construção de um conhecimento que teria de ser compartilhado. “Basicamente, o conceito de sala de aula invertida é o seguinte: o que tradicionalmente é feito em sala de aula, agora é executado em casa, e o que tradicionalmente é feito como trabalho de casa, agora é realizado em sala de aula” (BERGMANN; SAMS, 2016, p. 11).

Os estudantes fizeram pesquisas em casa sobre o racismo e o preconceito racial, procurando matérias jornalísticas, imagens e textos para compor um grande mosaico virtual com fotos e imagens que expressassem a situação das pessoas negras no Brasil e no mundo diante do racismo. O grupo trabalhou em equipe como

produtores de material audiovisual. A experiência com a construção dos mosaicos virtuais da consciência negra permitiu estabelecer uma relação entre a teoria e a prática, no sentido de trabalhar teoricamente a temática do racismo estrutural e encontrar meios para expô-la pedagogicamente de forma alternativa.

Destaca-se, portanto, que toda a organização foi feita de maneira remota, sem nenhum contato físico, apenas contato virtual, embora não tenha sido possível contar com a participação de todos os estudantes e nem contabilizar a participação efetiva deles nos trabalhos, tendo em vista as limitações de acesso a *internet* e falta de tecnologias para acessar as aulas.

Enfim, colaborativamente, a organização dos painéis aconteceu de forma remota mediante reuniões do *google meet* e por conversas num grupo de *WhatsApp*. Todo o material coletado pelos estudantes do Ensino Médio foi catalogado e selecionado junto com as fontes. Um trabalho importante realizado pelos residentes foi a orientação aos estudantes que resguardassem as fontes da informação, atribuindo crédito aos autores, conforme se exige para os trabalhos acadêmicos - a explicitação das referências bibliográficas e das fontes.

Após juntar as imagens impactantes, realizar a montagem e a edição dos vídeos, foi inserido a trilha sonora, cuja composição exigiu muita criatividade, pois juntou dois trechos de letras das músicas do Racionais MC's e do Rincon Sapiência, que foram recitadas em forma de poesia com um *playback* (sem letra) do “Negro gato”, de Luiz Melodia, tocando ao fundo. Primeiro trecho da letra recitada:

60% dos jovens de periferia; sem antecedentes criminais já sofreram violência policial; A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras; nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros; A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo; aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente. (Racionais MC's: Sobrevivendo no inferno).

Segundo trecho da letra recitada:

Se eu te falar que a coisa tá preta; A coisa tá boa, pode acreditar; seu preconceito vai arrumar treta; sai dessa garoa que é pra não molhar; se eu te falar que a coisa tá preta; A coisa tá boa, pode acreditar; seu preconceito vai arrumar treta; sai dessa garoa que é pra não molhar. (RINCON SAPIÊNCIA: A coisa tá preta).

Para atingir o resultado, durante a apresentação dos mosaicos, foi solicitado aos estudantes do Ensino Médio que gravassem áudios no grupo de *WhatsApp* para criar um material, que foi sintetizado com todas as falas para compor um roteiro oral, uma espécie “desabafo ecoante” que antecede a poesia recitada de forma crítica no vídeo, mas sem perder a poética. Segue uma poesia que foi recitada no mosaico, de

Oliveira Silveira¹², intitulada “Encontrei minhas origens”:

Encontrei minhas origens / em velhos arquivos / ... livros / Encontrei / em malditos objetos / troncos e grilhetas / encontrei minhas origens / no leste / no mar em imundos / tumbeiros / encontrei / em doces palavras / ... cantos / em furiosos tambores / ... ritos / encontrei minhas / origens / na cor de minha pele / nos lanhos de minha alma / em mim / em minha gente escura / em meus / heróis altivos / encontrei / encontrei-as enfim / me encontrei

A produção audiovisual dependeu do uso intensivo do celular, usado como uma ferramenta pedagógica para gerar alguns dos conteúdos dos mosaicos, que foram editados a partir do *Canva*, um recurso simples disponível gratuitamente na *internet*, um *app* que pode ser baixado e utilizado em sala de aula para estimular a criatividade dos estudantes do Ensino médio, com o intuito de criarem os seus próprios materiais didáticos.

A seguir, algumas imagens capturadas em *prints* do computador no dia da apresentação dos resultados do projeto. Todo o material pode ser acessado no canal do *YouTube*¹³ da escola, onde está armazenado os produtos das intervenções que os residentes fizeram ao longo da edição do PRP 2020-2022.



12

Disponível

em:

<http://www.lettras.ufmg.br/literafrro/autoras/11-textos-dos-autores/849-oliveira-silveira-encontrei-minhas-origens>

¹³ Disponível em:

https://drive.google.com/drive/folders/1hP6LshPNXns_QnpFvCCiU6gXXVvxA4iT?usp=sharing



Fonte: os autores. Figura - *print* (com recortes) que traz o símbolo das manifestações “Vidas negras importam” junto com uma imagem sugestiva de que a violência contra a população negra.

Hoje, o racismo e a violência contra a população negra não pode mais ser escondida e tolerada, já que em qualquer lugar do mundo pode ser vista e filmada para denunciar os agressores. Foi assim com George Floyd, nos EUA, e com João Alberto Silveira Freitas, no Brasil, ambos assassinados covardemente em circunstâncias diferentes, mas cujas mortes foram filmadas e passadas ao vivo em todo os noticiários nacionais e internacionais, no dia da Consciência Negra, para mostrar que é preciso intervenção e um árduo trabalho de combate ao racismo para fazer cessar a violência. A apresentação dos mosaicos foi seguido por uma *Live* intitulada “Dia da consciência negra: conquistas e desafios contra o racismo estrutural”¹⁴, ministrada pela Dra. Maria Cotinha Bezerra Pereira, Procuradora-Geral de Justiça do Tocantins, que se disponibilizou a contribuir com o combate ao racismo proferindo uma palestra virtual na escola.

¹⁴ Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/10v4KZmxyfonrcHcy5NyKnW35ZIXmdAQR/view?ts=6141fb55>

Fonte: os autores. *Card da live* feito pelos residentes e estudantes do Ensino Médio

Após a palestra, houve abertura para perguntas e respostas, um momento de interação, reflexão e entendimento acerca da problemática, num formato de apresentação que se aproximou do acadêmico e trouxe a perspectiva da respeitabilidade do campo científico, voltado para tratar de algo corriqueiro na vida dos estudantes na escola, considerando que a escola é um lugar em que as contradições sociais se revelam no processo de socialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do projeto Mosaico da Consciência Negra contribuiu com a consolidação da Educação em Direitos Humanos na escola, pois a produção audiovisual estimulou a valorização da cultura negra como parte do processo de ensino e aprendizagem multicultural, auxiliando no combate ao racismo. Com o desenvolvimento do projeto foi possível entender sobre a necessidade de se falar sobre o racismo, de expor, debater, levantar esse tema de forma reflexiva e filosófica, mostrando que a disciplina de Filosofia, ao abarcar essa temática no campo da Ética, pode contribuir para minimizar os impactos do problema, discutindo academicamente, mas com uma linguagem inclusiva, o quanto o racismo está

presente na sociedade e o quanto pessoas negras sofrem e são silenciosamente excluídas.

Sabidamente, o racismo no Brasil existe, embora seja escondido e esteja sempre latente nas relações sociais. Ao trabalhar com o Projeto Mosaico Virtual da Consciência Negra, observamos a necessidade constante de combater o racismo estrutural, que parece cristalizado e aparece naturalizado nas várias esferas da vida social, sendo reproduzido na estrutura social. Dessa forma, foi possível estimular os estudantes a protagonizar a realidade social e pensar de forma crítica acerca das desigualdades raciais e práticas racistas, mascaradas pela pseudo-cordialidade brasileira e pela presumida democracia racial.

No que tange a prática docente, inerente ao Programa Residência Pedagógica, o contexto pandêmico trouxe muitas dificuldades, mas foi um momento de aprendizagem em meio às contingências e tristezas da vida, que fazem parte da profissão docente. Não se pode esquecer que o período pandêmico foi mediado pelo Ensino Remoto Emergencial e que a participação dos estudantes foi minguada devido à falta de acesso a *internet* e de aparatos tecnológicos para acessar as aulas. Nesse sentido, destaca-se que o período foi marcado pela exclusão digital e pelo fracasso no processo de ensino e aprendizagem para dezenas de estudantes na escola-campo, milhares no Brasil afora.

O objetivo do artigo foi apresentar uma experiência de combate ao racismo estrutural, a partir da construção de mosaicos virtuais, e o passo a passo de como tudo foi construído na virtualidade das relações. Diante disso, ressalta-se o uso intensivo das tecnologias, *apps* e plataformas virtuais, conforme já previsto na BNCC, como linguagens a serem trabalhadas na escola e, portanto, como parte integrante da formação de professores preparados para atuar com o seu uso no cotidiano da sala de aula. Da mesma forma, foi um momento de experimentação de uma metodologia ativa, a sala de aula invertida, bem como um momento de criação que contribuiu para pensar uma metodologia alternativa para o Ensino de Filosofia e que pode ser implementada em qualquer contexto, independente da situação pandêmica. O uso intensivo de tecnologias em sala de aula veio para ficar e é necessário que os futuros professores estejam preparados para utilizar os recursos disponíveis e que os estudantes possam fazer uso pedagógico dos recursos que têm em casa e usam a todo momento, como é o caso do celular.

Vimos que o projeto mobilizou a comunidade escolar – todas as séries do

Ensino Médio -, para construir os painéis que foram apresentados no dia da Consciência Negra, em 20 de novembro de 2020. Todos os residentes tiveram um papel importante na orientação desses painéis junto aos estudantes do Ensino Médio, sobretudo pela experiência com a montagem e edição de audiovisuais animados que foram apresentados nessa data, culminância de um evento que incluiu, também, uma palestra com parceria do Ministério Público Estadual. A temática do racismo estrutural é emergente e precisa ser trabalhada nas escolas, pois todas as formas de preconceito e racismo só podem ser vencidas e superadas a partir da educação das novas gerações

Agradecemos toda a equipe gestora do CEGTI Rachel de Queiroz por nos dar a chance de desenvolver atividades educativas em sua Unidade Escolar, nesse momento difícil de enfrentamento da crise sanitária. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), uma instituição que merece os agradecimentos por contribuir com a formação de professores de Filosofia.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Lady S. F.; LEWIS, Liana; SOARES, Eliane V. *O que é raça: estratégias para definir e combater o racismo*. Recife/PE: UFPE, 2009.

ALGEBAILLE, Eveline. Escola sem Partido: o que é, como age, para que serve. In: FRIGOTTO, G. *Escola "sem" partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: LPP/UERJ, 2017.

ALMEIDA, Sílvio L. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BERGMANN, J.; SAMS, A. *Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem*. Trad. Afonso Celso da Cunha Serra. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Secretaria da Educação e Tecnológica. Brasília/DF: Ministério da Educação, 1999.

_____. *Portaria n.º 376*, de 03 de abril de 2020. Dispõe sobre as aulas nos cursos de educação profissional técnica de nível médio, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-376-de-3-de-abril-de-2020-251289119>
Acesso em 18/09/2021.

CONSULTORIA PWC. O abismo digital no Brasil. Disponível em: <https://www.pwc.com.br/pt/estudos/preocupacoes-ceos/mais-temas/2022/o-abismo-d>

[igital-no-brasil.html](#) Acessado em 05/06/2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

JACCOUD, Luciana. Racismo e República: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In.: THEODORO, Mário (Org.); JACCOUD, Luciana; OSÓRIO, Rafael; SOARES, Sergei. *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil – 120 anos após a abolição*. Brasília: Ipea, 2008.

JESUS, Fernando S. Os fluxos educativos de Frantz Fanon. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. n° 30, p.64-74: nov./2018-abr.2019.

SOARES, Paulo S. G.; OLIVEIRA, Tarsis B.; PEREIRA, Maria C. B. A violência institucional e o mito da democracia racial de um ponto de vista jurídico. **Confluências**. Niterói/RJ. Vol .23, n°. 3, set.- dez.. 2021.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à lava jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TELES, Edson. A produção do inimigo e a insistência do Brasil violento e de exceção. In.: GALLEGOS, Esther S. (Org.) *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

TOCANTINS. *Decreto n°. 6.070*, 18 de março de 2020. Palmas/TO: Diário Oficial do Estado, 2020. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/498913/> Acesso em 18/09/2021.

TOCANTINS. *Decreto n°. 6.071*, de 18 de março de 2020. Determina ação preventiva para o enfrentamento da pandemia da Covid-19 (novo Coronavírus). Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/498913/> Acesso em 18/09/2021.

TOCANTINS. *Plano Estadual de Direitos Humanos do Estado do Tocantins*. Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos. s/d) Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/400862/> Acesso em 20/09/2021.